ARBITRARIEDADE DO SIGNO LINGUÍSTICO: UMA ANÁLISE DOS DIFERENTES SIGNIFICANTES FALADOS NAS REGIÕES DO BRASIL

ARBITRARINESS OF THE LINGUISTIC SIGN: AN ANALYSIS OF THE DIFFERENT MEANINGS SPOKEN IN THE REGIONS OF BRAZIL

Naiana Moraes Gonçalves[1]

Resumo: Este presente artigo tem por objetivo geral analisar as diferentes variações de um significante, de acordo a determinadas regiões brasileiras, a fim de compreender e elucidar esse processo de construção da língua. E especificamente: destacar a formação e a obra de Ferdinand Saussure; explorar as relações de signo, significante e significado; e apresentar exemplos de variações regionais que um significante sofre dependendo do contexto. Para tanto, a metodologia empregada foi à pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico levando, principalmente, em consideração às concepções da arbitrariedade do signo linguístico de Saussure (2006) e algumas teorizações acerca das variações linguísticas – diatópicas, sob a ótica de importantes estudiosos, dentro do vasto domínio da língua. Dessa forma, a arbitrariedade do signo linguístico é abordada a partir da análise dos seguintes termos: tangerina, macaxeira, geladinho, pipa e pão de sal, com base nos dados presentes no Atlas Linguístico do Brasil, de Cardoso (2014).

Palavras-chave: Língua; Signo linguístico; Significante; Arbitrariedade; Variação regional.

Abstract: This article has the general objective of analyzing the different variations of a signifier, according to certain Brazilian regions, in order to understand and elucidate this process of language construction. And specifically: highlighting the training and work of Ferdinand Saussure; explore the relationships of sign, signifier and signified; and present examples of regional variations that a signifier undergoes depending on the context. For this, the methodology used was qualitative research of a bibliographic nature, taking into account, mainly, the conceptions of the arbitrariness of the linguistic sign of Saussure (2006) and some theorizations about the linguistic variations – diatopics, from the perspective of important scholars, within the vast mastery of the language. Thus, the arbitrariness of the linguistic sign is approached from the analysis of the following terms: tangerine, cassava, ice cream, kite and bread of salt, based on data present in the Linguistic Atlas of Brazil, in Cardoso (2014).

Keywords: Language; linguistic sign; Significant; Arbitrariness; Regional variation.

[1] Graduanda do Curso de Letras/ Língua portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia/ UNEB, *Campus* XXI/ Ipiaú - BA. E-mail: naianamoraesgoncalves@gmail.com.

1 Introdução

Desde muito cedo se discute sobre a definição do signo[2] se é um evento de natureza mental ou vocal, o filólogo Ferdinand Saussure (2006), defende que a língua é construída por um sistema de signos linguísticos que "une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica." (SAUSSURE, 2006, p.80). Nesse sentido, cada signo advém da associação arbitrária de um significante e um significado.

Nas palavras do autor, "a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos" (Ibid., 2006, p.79) que estão armazenados em nossa memória. Assim sendo, a língua pode ser caracterizada como sendo mais que um produto material, físico está vinculada à representação sonora apreendida pelos nossos sentidos.

Desse modo, Ferdinand de Saussure (2006) admite dois princípios primordiais dentro dos estudos da natureza do signo linguístico: o princípio da arbitrariedade e o princípio da linearidade. Insistamos somente no primeiro princípio, que denota a inexistência de uma relação unívoca entre o significante e o significado, e consequentemente, justifica as diferenças linguísticas das comunidades de falantes do Brasil.

Partindo dessas considerações iniciais, o presente artigo tem por objetivo principal analisar as diferentes variações de um significante, de acordo a determinadas regiões brasileiras, a fim de compreender e elucidar esse processo de construção da língua. E especificamente: destacar a formação e a obra de Ferdinand Saussure; explorar as relações de signo, significante e significado; e apresentar exemplos de variações regionais que um significante sofre dependendo do contexto.

Para tanto, a metodologia empregada foi à pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, levando, principalmente, em consideração às concepções da arbitrariedade do signo de Saussure (2006) e algumas teorizações acerca das variações linguísticas (geográficas ou diatópicas). Dessa forma, a arbitrariedade do signo linguístico é abordada a partir da análise dos seguintes

[2] A semiótica é uma corrente europeia responsável pelo estudo dos signos linguísticos.

termos: tangerina, macaxeira, geladinho, pipa e pão de sal, com base nos dados presentes no *Atlas Linguístico do Brasil*, Cardoso (2014).

Ante o exposto, esse artigo contribui é recomendado para o conhecimento dos estudantes de Letras e interessados em discussões sobre a língua para que se permitam utilizar não apenas do suporte filosófico, mas também da criticidade como instrumento para compreender os processos linguísticos.

2 Das contribuições de Saussure para a Linguística Moderna

Como sabemos, Ferdinand de Saussure (2006) foi um importante filólogo e estudioso indo-europeu, amplamente, considerado o precursor dos estudos no campo da Linguística científica, desde cedo se dedicou a investigar a construção e a funcionalidade da língua, em suas teorias externava um conjunto de ideias e convicções inovadoras, revelando que este estudioso, era além de seu tempo.

Conforme os dados biográficos do autor, ele nasceu em 26 de novembro de 1857 em Genebra no Oeste da Suíça, e faleceu no dia 22 de fevereiro de 1913, em Monges uma comuna. Filho de um influente naturalista pertencia a uma família tradicional da época, formada por intelectuais e políticos. Seu primeiro contato com os estudos da língua foi através da influência de um amigo da família Adolphe Pictet. Como abordado no *Relato da Obra de Ferdinand Saussure,* de Milane (2016).

Assim sendo, Saussure (2006) ingressou nos estudos da física e da química, entretanto, escolheu se aprofundar no campo da Linguística, em 1879. Com apenas vinte e um anos de idade, ele publicou uma dissertação sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias. Mais tarde, tornou-se professor de Línguas, logo, estabeleceu as bases do estruturalismo linguístico do século XX, que corresponde a uma corrente que estuda os aspectos estruturais da língua.

De acordo com Milani (2016) ainda, três anos após o falecimento de Saussure em 1916, seus antigos alunos com a colaboração de Riedlinger deram origem ao livro: *Curso de*

Linguística Geral (CGL), usando os esboços do suíço o que, posteriormente, influenciou outros estudiosos da área a tomar a análise linguística como objeto de estudo de suas discussões, dando início a diferentes abordagens teóricas.

Portanto, com seus escritos o mestre genebrino, praticamente lançou a agenda dos estudos na língua seja ela falada ou escrita, discutindo principalmente sobre análise e a natureza da linguística e os seus fundamentos. Nesse sentido, tomaremos como base o primeiro capítulo "Natureza do signo linguístico", assim intitulado no póstumo livro: *Curso de linguística Geral*, elaborado a partir da teoria saussuriana e que persiste no tempo por oferecer um quadro diferencial, principalmente, dentro dos estudos da Linguística Moderna e por compartilhar importantes conhecimentos no campo de Letras.

Para Saussure (2006), o signo linguístico é resultado da união arbitrária entre um significante "plano de conteúdo" e um significado "plano de expressão", ou seja, duas entidades abstratas que não podem existir separadamente. Logo, o signo linguístico é visto como um instrumento usado pelos indivíduos para se comunicarem uns com os outros.

Cabe ressaltar que, a significação das palavras é transmitida a partir das associações que fazemos ao longo da vida, logo o seu valor não é imutável. Nessa concepção, o termo significante designa a representação natural e sonora da palavra, é a parte material do signo, isto é, um plano de expressão fonético, morfológico e sintático, fruto das equivalências e oposições impostas por um determinado sistema linguístico.

Nessa perspectiva, Rebello (2017) discute que o termo significado não é uma coisa em si, mas a interpretação que o sistema linguístico faz dela. Isso significa o rompimento da ideia de que as palavras corresponderiam às coisas do mundo, como etiquetas preestabelecidas, conforme discutido pela referida autora. Então, o significado corresponde a uma impressão psíquica ligada aos processos mentais do indivíduo, ou seja, o sentido do elemento aprendido e evocado pelo locutor que advém das relações semânticas entre as palavras.

Dessa maneira, "[...] o caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem, sem movermos os lábios nem a língua, podemos

falar conosco ou recitar mentalmente um poema" (Ibid., 2006, p.79). Assim, é possível realizar leituras de palavras, frases, textos etc. sem a necessidade de verbalizá-los, porque o significante e o significado estão relacionados aos processos mentais dos indivíduos.

Ao tratar do signo linguístico, Saussure (2006) faz distinção entre duas características básicas: o princípio da linearidade que se refere à sucessão silábica das palavras presente numa serie efetiva, ou seja, é o modo simultâneo e linear organizado em um discurso, o que não permite a pronúncia de uma cadeia de fala ao mesmo instante. E o princípio da arbitrariedade que comprova que não existe uma razão lógica para justificar a relação entre um significante e um significado.

De acordo com o autor supracitado, há uma distinção entre os níveis de arbitrariedade: em "nível absoluto" no qual não existe uma relação racional ou natural entre a sequência fônica e a sua imagem acústica; e em "nível relativo" em que há uma relação associativa e de motivação no signo, como é o caso do termo "dezenove" que ocorre pela junção dos termos dez + nove = dezenove, conforme discutido por Saussure (2006) no CGL.

Fiorin (2004) destaca que, é necessário considerar o signo linguístico não apenas em sua composição, mas sem os contornos de suas relações com os outros signos, uma vez que, o que existe na construção da língua é a produção e a interpretação das diferenças. Dessa forma, podemos observar a arbitrariedade do signo com relação ao plano fonético e também na construção linguística da realidade. Isso evidencia que o vínculo entre o objeto e a palavra é estabelecida pelas influências de vários grupos discursivos.

Nesse contexto, faz-se necessário saber que todos os signos de uma sociedade repousam em um hábito coletivo, para exemplificar, o escritor Saussure (2006) cita os signos de cortesia, como exemplo, à saudação dos chineses, que diante do imperador prostram-se nove vezes no chão, em sinal de respeito, levando em consideração as regras culturais e não o valor intrínseco. Logo, Fiorin (2004, p.72), nos chama a atenção para o fato de que:

> O significado não é a realidade que ele designa, mas a sua representação. É o que quem emprega o signo entende por ele. A linguagem verbal não é a única linguagem existente. Há também linguagens pictóricas, gestuais etc. Não se

> pode falar em imagens acústicas quando se trabalha com outros sistemas de signos. Por isso, é necessário ampliar a definição de significante, para que ela possa ser usada em todas as linguagens. Poder-se-ia então dizer que o significante é o veículo do significado, que é o que se entende quando se usa o signo, é sua parte inteligível.

Dessa forma, para empregar o signo linguístico a sociedade utilizou a palavra símbolo, porém, não foi aceita, pois o símbolo é semiarbitrário, conforme explícita Saussure (2006, p.82): "o símbolo tem por característica ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado". Portanto, os valores simbólicos empregados a certos objetos em diferentes culturas são em parte arbitrários, já que existe um laço inicial entre o significante e o significado, nesse caso.

De acordo ao autor supracitado, as únicas objeções que poderiam ser feitas imediatamente à característica da arbitrariedade seriam falseadas, tais objeções mencionam as onomatopeias e as exclamações. Evidencia-se que, as onomatopeias, além de serem em pequeno número não passam de uma imitação aproximativa dos sons, que são resultado da evolução fonética. E quanto às exclamações, segundo Saussure (2006) ainda, elas possuem um vínculo primário de motivação, logo sua origem simbólica é em parte contestável.

3 Diversidade linguística presente no Brasil

Com base nas discussões feitas anteriormente, acerca da dicotomia saussuriana entre significado *versus* significante, podemos entender a língua como sendo uma rede complexa de signos linguísticos que moldam à nossa maneira de compreender as coisas do mundo e, por isso, sofre variações o que não permite aos linguistas delimitar com tanta clareza e precisão a ocorrência e o espaço em que ocorrem tais fenômenos linguísticos. Daí a importância dos mapeamento geográfico das áreas linguísticas.

Destarte, a arbitrariedade do signo linguístico é abordada nessa pesquisa acadêmica a partir da variação diatópica presente no território brasileiro, fruto dos estudos da

Sociolinguística[3]. Nesse sentido, selecionamos as seguintes variantes lexicais: tangerina, macaxeira, geladinho, pipa e pão de sal, do *Atlas Linguístico do Brasil*[4].

Segundo Bartoni (2004), a divisão dialetológica do Brasil é resultado das pesquisas e viagens do linguista Nascentes[5](1953) pelo território brasileiro, assim sendo, foi ele que dividiu o português brasileiro em duas grandes áreas linguísticas: a área Norte e a área Sul do país, cada uma delas subdividida em sub-áreas, tais como: Amazônico, Nordestino, Baiano, Mineiro, Sulista, Fluminense, e território incaracterístico.

É importante salientar que, os linguistas produziram inicialmente, os Atlas Regionais, devido a dificuldade de se construir um Atlas Linguístico em abrangência nacional. Segundo Ilari e Basso (2006), a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil ganhou força, anos mais tarde, a partir da iniciativa de diferentes linguistas brasileiros que organizaram o dados geográficos a partir de uma rede de pontos. Logo, o instrumento utilizado foi a entrevista com falantes de diferentes partes do Brasil, entre outros métodos de pesquisa, tudo isso graças ao projeto ALIB responsável por descrever a realidade linguística do nosso país, conforme aponta os autores.

Nessa linha de pensamento, podemos afirmar que qualquer língua apresenta diferentes formas de falar da mesma coisa, isto é, apresentam variação. Assim como, as línguas variam também possuem um sistema próprio de signos linguísticos e regras que podem se modificar de acordo a uma série de fatores, tais como: região, escolaridade, faixa etária, diferenças culturais, nível social, sexo, etc.

O Brasil, por exemplo, é um país marcado por contrastes sociais, étnicos e culturais, o que não é diferente em sua única língua materna, uma vez que apresenta um grande legado deixado por outros idiomas na formação do português brasileiro o que influencia diretamente na diversidade linguística regional presente neste país. Segundo Oliveira (1997, p.165):

> O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio sociocultural de uma comunidade. Em vista disso,

[3] A sociolinguística é o campo da Linguística que estuda a relação entre a língua, a sociedade e a cultura, em especial as mudanças e as variações linguísticas.
[4] É o mapeamento geográfico das formas lexicais do português brasileiro.
[5] Nascentes, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

> podemos considerar o léxico como testemunha da própria história dessa comunidade, assim como todas as normas sociais que a regem. Todo sistema léxico representa o resultado das experiências acumuladas de uma sociedade e de uma cultura através dos tempos.

Nessa perspectiva, o conjunto de palavras que compõe a identidade cultural do território nacional, é verdadeiramente uma consequência, uma herança sociocultural. De acordo com Mussalim e Bentes (2012), podemos descrever as variedades linguísticas, a partir dos parâmetros básicos: variação diatópica ou geográfica (regionais); variação diacrônica (históricas); diafásicas (estilísticas); variação diastrática (sociais), etc.

Em conformidade, Ilari e Basso (2006), discutem que a língua tal qual falamos hoje convive com palavras e construções que remontam diferentes épocas. De acordo com os autores ainda, ao se falar das variações regionais do português brasileiro, tem se uma forte comparação com o português europeu.

Nesse contexto, existem elementos que possuem características propriamente ditas iguais e que podem ser encontrados em diferentes partes do Brasil com nomes distintos, uma vez que, o país possui contribuições linguísticas provinientes de outros idiomas e culturas. Consoante as ideias saussurianas, o signo não está diretamente ligado aos sons fonéticos, mas sim a um conceito abstrato que tem valor dentro de um grupo linguístico específico.

Nessa direção, Saussure (2006, p.81) advoga que: “chamamos signo a combinação do conceito e da imagem acústica apenas, por exemplo, uma palavra (*arbor* etc.). [...] se chamarmos *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito “árvore”, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total”. Percebe-se, portanto, que o contexto social é determinante nesse processo de construção da comunicação, pois permite ser compressível a todos os indivíduos por evocar uma ideia semelhante em um determinado discurso.

4 Exemplos de diferentes significantes para um mesmo significado

No que tange, a variação diatópica ou geográfica, que é o foco central do nosso estudo, entendemos que este tipo de variação designa as diferenças lexicais, fonológicas, sintáticas que

podem ser observadas no domínio de uma comunidade linguística. Tais mudanças ocorrem em diferentes regiões, num mesmo país ou até mesmo em diferentes países que utilizam a mesma língua, como é o caso do povo brasileiro e seus dialetos.

Assim sendo, podemos notar a presença de critérios diatópicos ou regionais quando escutamos a "[...] pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e em algumas palavras." (BARTONI, 2004, p.30). Um exemplo de variação regional que podemos citar é quando os indivíduos dizem a expressão do mesmo conceito "fruta cítrica de cor alaranjada e sabor adocicado que possui gomos", a partir de diferentes palavras, tais como: "bergamota (ou vergamota), tangerina, laranja-cravo, mimosa" (MUSSALIM; BENTES, 2012, p. 52). Nesse sentido, o termo "bergamota[6]" é mais comum no Sul do Brasil. Já, no Sudeste e Centro-oeste, é mais conhecida como "mexerica". No Nordeste pode ser denominada como "laranja-cravo", "mimosa", "mandarina", esses são alguns exemplos de nomenclaturas da fruta.

Nessa linha de pensamento, para justificar a noção de arbitrariedade do signo, Saussure (2006) menciona as diferenças presente entre as línguas, vejamos:

> [...] a ideia (ou conceito ou significado) de mar não tem nenhuma relação necessária e "interior" com a sequência de sons, ou imagem acústica ou significante /mar/. Em outras palavras, o significado mar poderia ser representado perfeitamente por qualquer outro significante. [...] Tanto assim que a ideia de mar é representada em inglês pelo significante /si:/ e em francês, por /mér/. (CARVALHO, 2003, p.51)

Nessa perspectiva, os elementos são nomeados partindo das categorizações feitas pelo homem e vários fatores influenciam nesse processo de transformação da língua. Em vista disso, o processamento linguístico abrange desde a significação da nomenclatura à evocação do vocábulo um vínculo natural que envolve, portanto, uma psíquica de duas faces inseparáveis, na qual o signo implica a totalidade, que é estabelecida em um grupo linguístico.

Vejamos outra situação: a famosa e saborosa iguaria denominada na Bahia como "geladinho[7]" em outras partes do Nordeste pode ser encontrado com o nome "gelinho" ou "din-

[6] CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: Eduel, 2014.
[7] CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: Eduel, 2014.

din", por exemplo. No Rio de Janeiro ou em São Paulo, região Sudeste, apresenta também outros nomes como: "chup-chup", "juju", "sacolé", etc. Seja em função do seu modo de preparo, cujo suco é colocado em saquinhos plásticos e levado ao congelador por algumas horas até gelar ou mesmo pela simples imitação dos sons onomatopeicos que são produzidos durante o consumo da receita geladinha.

Nesse caso, existem vários caminhos para chegar a uma mesma referência, assim, a popular iguaria gelada e adocicada muito apreciada no verão é consumida e comercializada em diferentes partes do Brasil com nomes variados, visto que cada língua pode categorizar o mundo de forma própria. Nesse contexto,

> A arbitrariedade do signo linguístico, discutida no Curso de Linguística Geral, registra-se na noção de que o significante e o significado não têm relação direta [...]. A discussão fica mais evidente quando ocorre a comparação entre línguas, demonstrando que, se houvesse essa relação direta, não poderia haver as diferenças de nomes para as mesmas coisas entre as línguas. (SAUSSURE, 2006, p. 81)

Considere outro exemplo, a planta tuberosa "macaxeira [8] " assim popularmente, conhecida como no Nordeste, pode ser encontrada nas regiões: Sul, Norte e Centro-Oeste pelo nome: "mandioca". Já, no Sudeste, o vocábulo "aipim" é mais utilizado pelos falantes, além de outros exemplos de variação dialetal do léxico, de acordo com dados de Cardoso (2014).

Outra situação que podemos citar, é que no Rio de Janeiro (região Sudeste) e na Bahia (região Nordeste), às pessoas se referem a um brinquedo artesanal que é confeccionado a mão, com papel e varetas, pela palavra "pipa[9]", em contraste, com o Rio Grande do Sul (região Sul), que se chama "papagaio" e "pandorga" ou ainda em estados como Acre e Amazonas no Norte do país que é identificada como "arraia" ou "pepeta". Logo, percebemos que a ideia da palavra "pipa" não tem relação com a sequência de sons p/i/p/a, já que o objeto pode ser nomeado de diferentes formas, como: papagaio, pandorga, pepeta, etc.

[8] CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: Eduel, 2014.
[9] CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: Eduel, 2014.

Para ilustrar, na Bahia temos o tradicional "Pão de sal[10]" que é denominado em outras cidades da região Nordeste pelos vocábulos: "pão Jacó", "carioquinha", etc. Logo, o pão que é bastante apreciado nas mesas de café da manhã dos brasileiros pode ser identificado por outros nomes dependendo da região ao qual é produzido e consumido. Na capital paulista, no Sudeste do país, por exemplo, é denominado como "pão francês" e "pão de média". No estado do Pará localizado, na região Norte, as pessoas conhecem pelos nomes de "pão careca" ou "massa grossa", etc. Já no Sul, temos os vocábulos: "pão cacetinho", "pão de trigo", etc.

Nessa perspectiva, podemos observar que é o movimento natural da língua, muito presente nas concepções saussurianas por apresentar uma noção de arbitrariariedade em relação ao laço que une o significado e o significante, o que explica a relação de motivação e de não motivação que reside nas variedades linguísticas existentes no mundo. Nesse sentido,

> Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca, etc. é um motivo de orgulho é usar o linguajar da sua região e praticar seus hábitos culturais". (BARTONI, 2004, p.33)

Diante desse contexto, é interessante pontuar que, infelizmente, muitos indivíduos acabam menosprezando as variedades linguísticas de determinados lugares do Brasil, isso gera o preconceito linguístico que consiste em acreditar que existe apenas um jeito certo de falar uma determinada língua, sem levar em conta os aspectos sociais, culturais e estilísticos de cada comunidade linguística ou indivíduo.

Por fim, concluímos que cada cultura abstrai as características do significado ao seu modo, a exemplo disso, adquirimos as variedades linguísticas de acordo a nossa região e classe social, nível de escolaridade, entre outros. Isso reforça a ideia de que os elementos são nomeados, partindo das categorizações feitas pelo homem é que, portanto, devem ser respeitadas.

5 Considerações Finais

[10] CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: Eduel, 2014.

Neste artigo, fizemos algumas reflexões acerca das teorizações de Ferdinand de Saussure (2006) quanto ao conceito de signo linguístico e o princípio da arbitrariedade. Sob tais aspectos, este trabalho demonstra a importância das concepções saussurianas e do legado de outros estudiosos para melhor compreensão da variação no uso da língua falada no Brasil.

Além disso, ficou claro que podemos alcançar o mesmo significado, usando outros significantes que cumprem a mesma função dentro da comunicação, assim, quando pronunciamos uma palavra rapidamente associamos a outros termos do campo lexical e semântico situados em nossa memória.

Dessa maneira, as diferenças na língua denotam que não existem palavras melhores ou piores, afinal, são heranças históricas e culturais de um povo, portanto, é de grande valor compreender a funcionalidade e os desdobramentos da língua, uma vez que, aprende-se uma nova expressão sem haver acrescimento de sentido baseando-se na arbitrariedade do signo tão defendida pelo linguista Saussure (2006).

Referências

BARTONI - RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure:** Fundamentos e visão crítica/ Castelar de Carvalho – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: Eduel, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**: 1. objetos teóricos. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ILARI, Rodolfo; Basso, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos e a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

MILANI, Sebastião Elias. **Relato da obra de Ferdinand de Saussure**.- 1. ed. - Rio de Janeiro : Barra Livros, 2016.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, A. M. P. P. **O português do Brasil**: a questão dos brasileirismos. In: Corpo e voz. Série Encontros, Araraquara, SP: Curso de Pós-Graduação em Letras, FCL-UNESP. Gráfica, Palas Athena: 1997.

REBELLO, I. S. **Do signo ao texto, da língua ao discurso**: de Saussure a Charaudeau. Gragoatá, v. 22, n. 44, p. 1103-1122, 22 dez. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand. Natureza do signo linguístico. *In:* **Curso de linguística geral,** trad. Bhemle, Paulo Paes. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Pag.79-84